

“Menos mágicos, mais realistas”

Publicado no jornal Zero Hora, 17 de agosto de 1997

Não foi o anjo-da-guarda que guiou os primeiros passos de minha geração literária, foi o anjo de García Márquez. E como era este anjo? Esqueci o nome do conto em que era mencionado, mas estava longe de ser um querubim rechonchudo. Tratava-se de um anjo velho, desdentado, com as asas cheias de piolhos, um anjo que cai do céu numa aldeia colombiana e é aprisionado em um galinheiro, onde a população vai visitá-lo - pagando ingresso, naturalmente.

O realismo fantástico nos fascinou de imediato. Em primeiro lugar porque permitia livres vôos da imaginação; depois, porque era uma resposta irônica e, não raro, corrosiva ao clima de repressão então vigente na América Latina: Kafka mais gozação subdesenvolvida, o que parecia uma fórmula imbatível. Logo estávamos povoando nossa ficção com os mais diversos seres alados. Mas o mestre indiscutível desta arte era mesmo García Márquez. Na década de 70, seus livros estavam em todas as livrarias da Europa, uma consagração que o prêmio Nobel veio apenas referendar. Na esteira de seu sucesso vários escritores conquistaram o público internacional: Vargas Llosa, Julio Cortazar e até mesmo Borges, criador de um supra-realismo muito peculiar, intelectualizado e filosófico, mas nem por isto despido de humor. Todas estas obras vieram a constituir o chamado "boom" latino-americano. A literatura do continente passou a ser sinônimo de realismo mágico. O seu duplo componente era irresistível; de um lado, o exotismo, que já tinha popularizado a obra de Jorge Amado (e que foi obrigado, ele também, a aderir à nova onda); de outro, o engajamento político, do qual Gabo era o maior exemplo. Não apenas defendia a Cuba de Fidel Castro, como passou a residir lá parte do ano, dando aulas na escola nacional de cinema do país. No Brasil, a sua obra foi revelada ao público pela desaparecida Editora do Autor, fundada por Rubem Braga e Fernando Sabino. Foi uma verdadeira revelação, e um êxito instantâneo - graças também às excelentes traduções (as últimas a cargo de Eric Nepomuceno, amigo de Gabo).

O tempo passou e a situação mudou. As ditaduras do continente foram caindo uma a uma; seu esquema de sustentação era arcaico demais para subsistir. Em termos políticos, a ditadura tinha um mérito: unificava todas as formas de oposição, todas as formas de contestação. A queda dos governos ditatoriais criou um vácuo político e cultural, no qual precipitaram-se o cinema novo e os festivais da MPB, o tropicalismo e os jornais alternativos tipo O Pasquim, o teatro do oprimido de Augusto Boal, e o realismo fantástico. De repente, a América Latina já não era mais a região exótica do globo; era, isto sim, um reduto de mão-de-obra barato pronto a ser incorporado na economia globalizada. As fábricas de imaginário foram substituídas pelas fábricas maquiladoras que surgiram como cogumelos na fronteira entre México e Estados

Unidos. A Colômbia parou de exportar sonhos literários para exportar os sonhos - os pesadelos - da coca. O último livro de García Márquez, Notícias de um Seqüestro, que trata justamente do narcotráfico, já não é ficção, mas sim reportagem - ele voltou aos seus tempos de jornalista.

Há alguns anos encontrei García Márquez num encontro de literatura em Aix-en-Provence, na França. Um homem simpático, muito simples, espantosamente popular. Cada vez que entrava no saguão do auditório onde se realizavam as sessões, era acompanhado por um verdadeiro exército de jornalistas e fotógrafos. Entrevistá-lo, a propósito, não é uma tarefa fácil, nem barata: para uma grande rede de televisão, uma exclusiva podia custar, segundo me disse (em tom queixoso) um jornalista da Globo, US\$ 30 mil. Para quem escreveu seu livro atolado em dívidas não está mal. A verdade é que a fama às vezes cansa - e a pobreza cansa muito mais. García Márquez provavelmente estava se defendendo das duas coisas.

No que não está sozinho. América Latina tenta ser menos fantástica e mais realista - não por acaso a nossa atual moeda chama-se real. O imaginário já não é produção local; é importado, sob a forma dos efeitos especiais que recheiam os filmes americanos. O anjo de García Márquez foi expulso do galinheiro, agora transformado numa indústria de frangos de exportação. Menos riqueza espiritual, mais divisas na balança de pagamentos. Melhorou? Você decide.